

SENTIDOS DA VOZ: UMA ANÁLISE DAS UNIDADES DE DISCURSO PRESENTES NO CAMPO DA ORATÓRIA

SENTIDOS DE LA VOZ: UN ANÁLISIS DE LAS UNIDADES DE DISCURSO PRESENTES EN EL CAMPO DE LA ORATORIA

Thiago Barbosa Soares **1**

Resumo: Este artigo tem por objetivo compreender os sentidos da voz e como esses são construídos e disseminados no campo da oratória. Entre o que se diz da voz nessa área do saber e em outras searas pode existir diferenças, mas os (efeitos de) sentidos da voz criados a partir da mobilização da instância do discurso sempre se remetem ao sujeito da/para voz. Investigar os mecanismos de produção dos sentidos da voz enseja uma via de acesso analítico para a não transparência da materialidade da voz e para sua virtualidade não evidente. Visando esse caminho, analisaremos o como e o que se diz da voz na oratória. Para tanto, empregaremos o aparato teórico metodológico da Análise do Discurso francesa, norteado pela noção de unidades de discurso de Michel Foucault, em variadas produções textuais sobre os usos recomendativos da voz, desde tratados canônicos até obras da literatura de autoajuda que versem sobre oratória.

Palavras-chave: Voz. Sentido. Oratória. Análise do Discurso. Unidades de discurso.

Resumen: Este artículo tiene por objetivo comprender los sentidos de la voz y cómo estos son construídos y diseminados en el campo de la oratoria. Entre lo que se dice de la voz en esa área del saber y en otras searas puede existir diferencias, pero los (efectos de) sentidos de la voz creados a partir de la movilización de la instancia del discurso siempre se remiten al sujeto de la voz. Investigar los mecanismos de producción de los sentidos de la voz plantea una vía de acceso analítico para la no transparencia de la materialidad de la voz y para su virtualidad no evidente. Con este camino, analizaremos cómo y qué se dice de la voz en la oratoria. Para ello, emplearemos el aparato teórico metodológico del Análisis del Discurso francés, orientado por la noción de unidades de discurso de Michel Foucault, en variadas producciones textuales sobre los usos recomendables de la voz, desde tratados canónicos hasta obras de la literatura de autoayuda que versan sobre oratoria.

Palabras-clave: Voz. Sentido. Oratoria. Análisis del Discurso. Unidades de discurso.

Possui graduação em Psicologia pela Universidade Paulista (2014), **1** graduação em Filosofia pela Universidade de Franca (2014), graduação em Letras pela Universidade do Vale do Sapucaí (2009) e mestrado em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (2015) e doutorado pela mesma instituição (2018). Atualmente é professor da Universidade Federal do Tocantins. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Linguística, atuando principalmente nos seguintes temas: filosofia, análise de discurso, linguística, teoria e análise do discurso. E-mail: thiagobsoares@bol.com.br

Introdução

A voz, desde muito tempo, frequenta os campos do conhecimento humano. Antes de se tornar parte instrumental do atual sucesso midiático na atualidade (SOARES, 2018), a voz já tinha sido observada, estudada e examinada para servir de ancoradouro a explicações sobre o desempenho da língua, da razão e do inconsciente, entre outros. Portanto, verificar como a vocalização de sons é tratada em certas áreas consiste em uma tarefa da qual é possível extrair considerações significativas à análise do fenômeno da voz no interior do discurso circulante em sociedade. Assim, traçar os percursos dos dizeres a respeito da voz no domínio da oratória equivale a calcular os sentidos adquiridos pela voz e lhes pesar em suas reformulações quando do emprego de outros discursos subsidiados por esse campo ou mesmo pelo peso social que a voz acabou por adquirir como representação do sujeito.

Aqui não nos imporemos uma busca minuciosa nessa esfera de saber que se concentra nos efetivos dizeres acerca da voz. Não obstante, as inferências, as implicações e as pressuposições podem também ser mobilizadas para colhermos informações menos explícitas sobre a voz, porquanto no não-dito reside muitas vezes o já-lá das relações de sentido. Em vista disso, antecipamo-nos a uma fundamental reflexão com relação à voz:

Voz é metáfora da expressão. Quer ser aqui um pensamento que adquira sua expressão (não concordância, nem mero acordo), pela sensibilização das palavras pela voz. A voz não é algo dado, mas algo que dever ser produzido. Ela equivale à entrada do corpo na política. É por que me expresso por meio de minha voz que alcanço o outro, que estabeleço com ele um laço. Todo laço, toda relação é política, em seu melhor sentido, toda antirrelação é destrutiva da política (TIBURI, 2016, p. 47-48).

A voz como metáfora viva, apontada acima, é um dos contundentes indícios de que o dizer sobre a voz pode ultrapassar fronteiras estabelecidas, permanecendo ou sendo refutado, seja em áreas legitimadas do saber, seja no discurso sobre as vozes de celebridades midiáticas (SOARES, 2018). Em decorrência disso, ter sentidos vinculados à voz, em certa medida, manifestos na oratória não redundam no fato de serem explicitamente os mesmos fora dessa esfera. Resta-nos, portanto, descrever, compreender e interpretar quais são os virtuais efeitos de sentido de voz presentes como regularidades e ausentes como diferenças, ou mesmo ausentes como regularidades e presentes como diferenças no interior do campo discursivo da oratória. Para tanto, empregaremos, além do instrumental investigativo da Análise do Discurso francesa derivada dos trabalhos de Michel Pêcheux, como um dos recursos teóricos e metodológicos a observação das *unidades do discurso* implicadas em dizeres acerca da voz nesse domínio.

O discurso manifesto não passaria, afinal de contas, da presença repressiva do que ele diz; e esse não-dito seria um vazio minando, do interior, tudo que se diz. O primeiro motivo condena a análise histórica do discurso a ser busca e repetição de uma origem que escapa a toda determinação histórica; o outro a destina a ser interpretação ou escuta de um já-dito que seria, ao mesmo tempo, um não-dito. É preciso renunciar a todos esses temas que têm por função garantir a infinita continuidade do discurso e sua secreta presença no jogo de uma ausência sempre reconduzida. É preciso estar pronto para acolher cada momento do discurso em sua irrupção de acontecimentos, nessa pontualidade em que aparece e nessa dispersão temporal que lhe permite ser repetido, sabido, esquecido, transformado, apagado até nos menores traços, escondido bem longe de todos os olhares, na poeira dos livros. Não é preciso remeter o discurso à longínqua presença da origem; é preciso tratá-lo no jogo de sua instância (FOUCAULT, 2012, p. 30-31).

(...)

Uma vez suspensas essas formas imediatas de continuidade, todo um domínio encontra-se, de fato, liberado. Trata-se de um domínio imenso, mas que se pode definir: é constituído pelo conjunto de todos os enunciados efetivos (quer tenham sido falados ou escritos), em sua dispersão de acontecimentos e na instância própria de cada um. Antes de se ocupar, com toda certeza, de uma ciência, ou de romances, ou de discursos políticos, ou da obra de um autor, ou mesmo de um livro, o material que temos a tratar, em sua neutralidade inicial, é uma população de acontecimentos no espaço do discurso em geral. Aparece, assim, o projeto de uma descrição dos acontecimentos discursivos como horizonte para a busca das unidades que aí se formam (ibid., p. 32).

Diante do exposto, deparamo-nos com a voz, ou melhor, com os dizeres acerca da voz em um campo, agora nosso objeto de estudo, segundo o qual é passível de compor unidades do discurso. Ora, isso se refere, entre outras coisas, aos nossos objetivos de verificar a existência de conservação e/ou de apagamento de unidades do discurso nos enunciados a respeito da voz na oratória, porquanto pouco se investigou acerca do modo como o sujeito é visto/projetado pela voz e como os dizeres dessa podem instaurar um projeto mais ou menos flexível na relação de forças sociais. Por serem concebidas como não lineares e sim dispersas, não dadas a priori em conformidade com rótulos institucionais ou campos disciplinares do saber, as unidades do discurso têm plasticidade o suficiente para serem investigadas de acordo com critérios não apenas de semelhanças e de afinidades. Em outros termos, é possível, e provável, encontrarmos nas produções da oratória, unidades do discurso que sejam mantidas ou suprimidas nos dizeres sobre a voz desde a antiguidade até os dias de hoje, trazendo à tona uma multiplicidade de sentidos sobre a voz, suas ancoragens discursivas e seu fundamental papel social.

Oratória: um itinerário recomendativo à voz

A voz revela o estado de nossos pensamentos e sentimentos muito mais do que as palavras podem fazê-lo. Em vista disso e do estabelecimento de uma maior compreensão acerca de nosso objeto, apresentamos um percurso da oratória a partir de trechos, de comentários e de exames acerca do que se diz em livros encontrados na literatura clássica e na literatura de autoajuda, na especialidade “falar bem”, cuja voz é contemplada como ponto principal. Desse modo, recorreremos inicialmente a algumas perspectivas segundo as quais a oratória recebe uma dada concepção, pois é ilustrativo saber qual é o propósito dessa área do conhecimento humano, porquanto dela muitos e variados sentidos da voz podem advir.

Pombo (2016, p. 25-27), diante dos múltiplos segmentos do mercado atual para o qual se vende a arte da eloquência, apresenta a oratória como subdividida em gêneros: “a sacra, a política, a jurídica, a militar, a acadêmica, a empresarial, a panegírica, a artística, a esportiva, a jornalística, a comercial, a didática, a parlamentar e a festiva”. No entanto, quando recuamos no tempo e no espaço, observamos a oratória como um conjunto de técnicas vocais empregadas na persuasão e no convencimento do público por parte do orador. Para Sócrates, a oratória “é a arte da persuasão” (QUINTILIANO, 2015, p. 325) e para Areu “consiste em emitir o discurso com a excelência da expressão” (ibid., p. 341). Quer dizer, então, que a persuasão não está distante de outros métodos a partir dos quais é possível convencer. Deste ponto de vista, é necessário perceber a articulação possível da oratória com outras áreas. Já a excelência de expressão pode ser tomada em diversas acepções como, por exemplo, a clareza da pronúncia de unidades lexicais, bem como pode ser tomada como a exteriorização de um raciocínio límpido cujos objetivos sejam também trazer o interlocutor para próximo de determinadas ideias. Dito de outro modo, a oratória, como considerada por Quintiliano, não exclui os elementos não-verbais da comunicação, porém, concentra-se em seus componentes vocais a articulação de sentido.

É ao abrir a boca que o homem ganha a vida. Mitos de tempos

e lugares distintos reiteram-no frequentemente, porque ao fazê-lo o homem respira, alimenta-se e fala. No Gênesis, dos lábios descerrados provém o fôlego da vida, as palavras da perdição e o anúncio da queda. A fala cria a existência e sua finitude, gerando assim a própria humanidade do homem (PIOVEZANI, 2015, p. 290).

Eis a oratória apresentada como tendo sempre sido usada pelo homem e tendo, com isso, justificado seu caráter atemporal. Sua suposta frequência pelos oradores remonta aos tempos helênicos nos quais os debates, as tribunas e as exposições eram realizadas em praças públicas. Seu dito aprimoramento como um método e seu alastramento através dos tempos reforçam sua eficácia no imaginário coletivo, o que abre, no interdiscurso, margens para interpretações. O desenvolvimento de noções de uso da voz na persuasão fundamenta os processos oratórios sobre os quais parece pesar a distinção entre voz e fala, já que “Por voz entende-se os sons que produzimos através da laringe. Por fala compreende-se a articulação, a emissão dos fonemas” (cf. SOARES; PICCOLOTTO, 1986, p. 7) que faz uso daquela como único e exclusivo meio de expressão. É fundamental observarmos como certos traços vocais são julgados pela oratória como essenciais para a criação de efeitos (de sentido) no interlocutor.

– físicos: o tamanho e a forma da caixa torácica, o comprimento, grossura e textura dos ressonadores, comprimento, grossura e densidade das cordas vocais ou até mesmo a velocidade com que os músculos participam da sinergia, são determinantes estruturas legados pela linha de família, ou seja, o poder de percepção também é basicamente hereditária.

– psico-emocionais: a voz reflete o dinamismo emocional e intelectual de um indivíduo. Estados de tensão, medo, ansiedade, insegurança, excitação são muitas vezes traduzidos pela voz. Quantas vezes ao ouvirmos uma voz monótona julgamos precipitadamente o indivíduo como sendo portador de uma personalidade inexpressiva...

– culturais: a voz ainda reflete as normas culturais e um grupo social, assim como sua vestimenta ou conduta. Acredita-se que a influência do meio de comunicação de massa, como, por exemplo, o rádio, a televisão, pode resultar em grande flexibilidade das normas e determinar a produção de uma “voz universal” (ibid., p. 46; aspas das autoras).

Das características descritas acima, chama-nos atenção os traços psicoemocionais e culturais, dada a amplitude com a qual estão representadas no espectro comunicativo. Culturalmente a voz sofre alterações funcionais de acordo com as quais se adapta para desenvolver uma espécie de vinculação identitária. Entretanto, a grande mídia, entre outros meios, influencia o modo de produção das vozes, apagando-lhes as particularidades e, por conseguinte, gerando um consenso discriminativo das vozes conforme uma estética preestabelecida. Daí, os contornos psicoemocionais adquirirão a valoração objetiva no interior do quadro da Análise do Discurso de *assujeitamento* (PÊCHEUX, 2009). “Seres emocionais que somos, valorizamos muito a carga afetiva da mensagem veiculada pela voz. Por isso, somos tão afetados pela emoção que a fala carrega” (MAGALHÃES, 2017, p. 130). Ora, a manipulação da voz, ou melhor, de seus aspectos psicoemocionais parece constituir um ponto de encontro da composição dos estudos de oratória, já que “a emoção transmitida pela voz é fator fundamental no processo persuasivo” (ibid.).

Ao tomarmos o aspecto psicoafetivo, descrito acima, subjacente às produções vocais, temos a exposição da dialética do funcionamento do abuso, a partir do qual o discurso da oratória se faz crer em sua própria eficácia. Explicita-se o emprego dos abusos como, por exemplo, dos abusos afetivos para se alcançar a persuasão, porque de acordo com o que vimos acerca desse tipo conhecimento de causa é fundamental afetar os interlocutores de tal modo que sejam

convencidos, a despeito de suas próprias opiniões. Assim, aquilo que se pode chamar, em um nível argumentativo-discursivo, de persuasão através do traço psicoafetivo da voz é, entre outras coisas, um uso da voz para o “abuso” em outra chave interpretativa do discurso produzido pela oratória. Portanto, uma das unidades de discurso possível de ser apreendida aqui é a do abuso travestido de “persuasão psicoafetiva”.

“Na produção do discurso, a voz, ajustada ao conteúdo proferido, às expressões faciais e gestuais, é um elemento poderoso. É através dela que levamos à platéia a nossa mensagem na busca de empatia e da persuasão” (ibid.). Para tanto, o discurso da oratória emprega um conjunto de técnicas desenvolvidas para visar um melhor aproveitamento dos recursos físicos da voz. Eis alguns procedimentos indicados para uma boa emissão vocal: aquecimento vocal; evitar ambientes poluídos; manter o corpo hidratado; evitar alimentos gelados; evitar elevar a voz; abrir adequadamente a boca na articulação dos sons; evitar bebidas alcoólicas; nos quadros de gripe, evitar usar a voz; evitar locais com ar condicionado e depois de usar intensamente a voz, fazer repouso vocal, entre outros.

Tais recomendações não representam mais do que certas “verdades” de que a todos devam/deveriam saber. Todavia, é importante destacar o fato de que independentemente das características oratórias do sujeito o lugar de sua fala é fundamentalmente relevante para sua recepção; o posicionamento discursivo e a formação discursiva na qual o sujeito se encontra são determinantes para que os efeitos de sentidos produzidos a partir destes lugares sejam compreendidos sob uma dada perspectiva discursiva. Em vista disso, as novidades recomendativas que, em última instância, nada dizem são como *estratégias de preenchimento* (PÉCORA, 1999), isto é, mecanismos de complementaridade de texto vazio. Na materialidade do texto incide, como sabemos, a virtualidade do discurso; nesse caso os procedimentos para uma boa emissão vocal ancoram-se no discurso social no qual habita a argumentação aprovado pelo interlocutor. “O discurso social, nas coletivas coerência e unidade de sua hegemonia, abarca um princípio de comunhão e de convivialidade. Ele representa a sociedade como um conjunto inteligível e como um *convivium dóxico*” (ANGENOT, 2015, p. 57).

Uma das consequências principais que decorrem disso é a centralidade em todo discurso com visada persuasiva, da *doxa* ou opinião comum. A nova retórica insiste sobre o fato de que a adaptação ao auditório é, sobretudo, apostar em pontos de acordo. É somente ao basear seu discurso em premissas já aprovadas por seu público que o orador pode conquistar a adesão (AMOSSY, 2018, p. 54).

“A voz é a ligação entre suas ideias e os ouvintes” afirma Pombo (2010, p. 40) para expor a necessidade de outras estratégias de aperfeiçoamento vocal e, conseqüentemente para criar o efeito de um aprimoramento do tecido discursivo da retórica.

Começemos pela respiração. Sem respirar bem não é possível falar bem. Portanto, ao falar, faça as pausas que forem necessárias para manter sempre uma boa reserva de ar em seus pulmões. A medida de ar correta é a que fizer você se sentir confortável, a que lhe permita lançar sua fala com um bom volume e articular corretamente as palavras

Veja algumas dicas para desenvolver uma respiração correta: fique de pé, distribuindo bem o peso do corpo sobre as duas pernas e com a postura naturalmente relaxada.

Coloque as duas mãos sobre a cintura e inspire lentamente. A inspiração deve ser feita sempre pelo nariz, cuidando para manter as narinas bem abertas (ibid.).

É possível percebermos o efeito de importância criado para os mecanismos de esmero do trato vocal, porquanto a voz, de acordo com correntes da oratória em vigor, é uma instância

mediadora das ideias aos seus ouvintes. Ora, quanto mais bem cuidada e mais bem mantida é uma ferramenta maior é sua duração e melhor pode ser seu emprego, daí decorre o preciso cuidado com a matéria fônica dispensado pela antiga e tradicional instituição discursiva da oratória. Por isso que se diz: “Treinar a voz é lograr, entre outras mil coisas, o sincronismo entre o ar que se inspira e a sonorização” (BLOCH, 1986, p. 68). As diversas formas de modulação da voz parecem impactar diretamente a fala e, em alguns casos, podem, como se quer dar a entender, comprometer a compreensão, em outros, podem afetar no direcionamento dos efeitos de sentidos pretendidos. Portanto, pode-se afirmar, até aqui, que o discurso da oratória faz da voz, para além de sua dita persuasão, uma das forças heurísticas dos sujeitos, permitindo-lhes amplificar e ecoar a interioridade. Assim, a unidade de discurso da *expressão* – do pensamento, do sujeito e consequentemente, da subjetividade – capitula o sentido de voz.

Cabe-nos levantar uma ressalva feita comumente pelas produções discursivas do campo da oratória com relação ao fato de a voz na fala não estar desvinculada da escrita, já que tanto o discurso sobre a escrita é afetado pelo discurso sobre a fala e vice-versa quanto à oratória com a qual lidamos está inteiramente descrita em manuais e em livros. O que pretendemos explicitar, neste ponto, é que o discurso sobre a escrita, por mais que possa ser deixado de lado quando se trabalha a voz, jamais deixa de repercutir seus efeitos no discurso da oratória, ou seja, treina-se aquilo que é inato, a voz na fala, e por conta de tal naturalidade é possível concebê-la como de caráter universal. A escrita, por sua vez, é adquirida e depende do processo de alfabetização e de certo grau de letramento para poder gerar alguma eficácia persuasiva em um dado público; comparada à escrita, a oratória não só é muito mais potente do que ela mesma diz sobre si, como também traz em seu interdiscurso o preconceito acerca do registro escrito da língua e, em alguma medida, o reforça – “escrever é difícil, falar é fácil”; “sei falar, mas não sei escrever”; “falar é fácil, difícil é escrever”.

Estamos diante do senso comum gerador de consensos assentados no discurso social. Porém, dele podemos remontar, através do interdiscurso, a tempos mais antigos.

(...) a oralidade precede a escrita e se inscreve no espaço da natureza, ao passo que a escrita sucede a oralidade e se localiza exclusivamente no plano da cultura. À sobreposição da cultura diante da natureza soma-se uma sucessão que é ascendência. Mas talvez aí resida uma clivagem ainda mais profunda: a que opõe no seio da democracia grega e da república romana uma aristocracia ilustrada e uma plebe analfabeta (sic.) (PIOVEZANI, 2016, p. 85).

A oratória, então, não seria apenas uma “boa” mediadora de espíritos, mas, ainda, uma mediadora de desigualdades historicamente construídas. E por seu intermédio, para conseguir alguma adesão do outro, é possível partir da *doxa*, mesmo que ela seja ponto de chegada: “O homem é o animal que modula sua voz, modula o sentimento. As vozes mais moduladas, com maior plasticidade, revelam muito de quem as emite. Vivemos numa época em que no caso da voz, não podemos dissociar a arte da ciência” (ibid. p. 80; negrito do autor). Aparentemente sentimento e voz se cruzam, não sem motivo, já que a voz também se depara com a razão e, até onde se pode observar, com tudo; a performatividade oral da emoção, tal como a da razão, é realizada pela voz, como se fosse possível ser de outro modo. Chamar a empiria para demonstrar aquilo que tanto busca exprimir a oratória nada mais seria do que confirmar asserções que todos fazem ao longo da vida: na voz se encontra tanto o *pathos* quanto o *logos*. Ainda que na oratória houvesse separações estritas dos empregos da razão e da emoção segundo critérios específicos, o auditório é o real delimitador considerado em suas aplicações.

Ante um auditório, em que predominam mulheres, deve o orador cuidar de sua apresentação e de sua voz. Qualquer deslize logo é notado por elas, bem como, se a voz não se encher de simpatia, pode desagradar ao auditório. Quando se fala a mulheres deve-se ter o cuidado de dar um cunho mais sentimental e estético às palavras; caso contrário, arrisca-se a

não obter a ressonância desejada (SANTOS, 1961, p. 43).

É fundamental compreendermos o discurso materializado e, ao mesmo tempo, entendermos que não se pode fugir dos preconceitos que lhe são constituintes, porquanto o “discurso oratório” trouxe dos seus tempos de fundação alguns vícios. Mario Ferreira dos Santos deixa ver em uma de suas descrições de práticas oratórias a “fragilidade” feminina como um viés a partir do qual se deve o orador se preparar para o momento em que seu público for, em sua maioria, feminino. Nesse caso, sentimentalizar a performance oral como um recurso de “ressonância desejada” equivale a dizer que a identificação do auditório se dá pelo seu próprio eco. É ao conjunto de interlocutores que se volta toda e qualquer produção oral, portanto o cuidado que lhe deve ser conferido, visando o engendramento de efeitos, assemelha-se à formação imaginária (cf. PÊCHEUX, 2010). Como se pode observar, a unidade discursiva da fragilidade de sentimentos femininos infunda os (efeitos de) sentidos de voz.

Assim como a retórica, a oratória se preocupa com os efeitos gerados ou, nas palavras de Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996), visa “aproximar os espíritos” ou “negociar as diferenças”. Talvez produzir um consenso, talvez fortalecer as motivações, porém, há a certeza de que a estratégia do convencimento é posta em funcionamento tanto na retórica quanto na oratória. A oratória, como uma prática sofística, é democratizada por meio dos inúmeros manuais que trazem para os leitores os meios com os quais é possível atingir a persuasão. Não sem razão, as designações características de cada espécie oratória se voltarem para um melhor enquadramento do orador e de seus traços vocais peculiares. Segundo Santos (1961), os tipos de oratória são:

A conductivista, que cabe aos possuidores de voz arrebatadora e forte, e que são aptos a se tornarem líderes, condutores políticos. Essa oratória exige voz forte, duradoura, eloquência colérica e arrebatada, energia, convicção muito exteriorizada. Há tribunos (aqueles que já dispõem de certos dotes), que são aptos a se tornarem condutores. Pelo menos, têm maior facilidade que outros.

A romântica exige voz meiga, quase declamada. Uma capacidade de expressar com beleza e recursos vocais afetivos e quentes. Um orador da primeira espécie, se tentar fazer uma oração romântica, na maioria dos casos, malogrará, pois suas tentativas de amolecer a voz serão frustradas, e pode cair no ridículo. Há, entretanto, pessoas que são possuidoras de ambos os dons e alcançam, desde o romântico mais sentimental ao colérico e arrebatado. Mas são exceções.

A ardente é a oratória apaixonada, cheia de calor e vibração, que é uma síntese das duas primeiras, sem os exageros que aquelas podem ter. É a oratória mais bela e mais eloquente. Esta, quando pode alcançar, sem exageros, as duas primeiras, é apanágio dos grandes oradores. É aquela onde os maiores vultos dessa nobre arte esplenderam.

A especulativa é a oratória dos que investigam teoricamente, no sentido filosófico do termo, a dos que se dedicam à análise mais fria dos factos e das idéias. É a oratória do conferencista, daquele que confere, daquele que examina especulativamente alguma coisa. Os grandes, verdadeiramente grandes oradores, são hábeis em todas essas espécies de oratória, embora possam ser maiores em uma ou outra.

A poética é a oratória do declamador. É das mais difíceis, embora tão comum, pois recitar versos ou declamá-los exige grandes dotes e muito trabalho e esforço. Queremos nos referir àqueles oradores que sabem construir um discurso poético, cheio de beleza estética. Nessa oratória, inclui-se,

em parte, a sermônica, porque o sermão religioso exige o sublime e o poético, ao lado do ardente e do romântico. Também o discurso fúnebre tem um grau de sublimidade e de poesia (p. 46-47; grifos do autor).

Em consequência dos tipos de oratória temos, então, seus respectivos tipos de oradores. Esses, por sua vez, parecem encontrar no manejo da voz, quanto ao assunto, quanto ao problema e quanto ao efeito pretendido no auditório, espelho no lugar onde se desenrola o processo de elocução comunicativa. Em função disso, a acústica do ambiente no qual se fala é de fundamental importância, porquanto a voz, ao ter suas ondas propagadas no ar, pode encontrar dificuldades para ter seus recursos empregados a depender das circunstâncias. “Uma das providências mais importantes que deve tomar o orador é a de considerar bem o local de onde vai falar” (Ibid., p. 49). Quer dizer que performatividade oral em uma igreja não é a mesma em uma praça pública; os espaços abertos requerem recursos não usados em espaços fechados. “Um local pode ser fechado ou ao ar livre. No primeiro, o espaço é constituído pelas paredes; no segundo, pela extensão do público” (Ibid).

Somada ao conhecimento do lugar como significativo para o orador está a compreensão dos ditos defeitos de produção oral. “As imperfeições da voz devem ser evitadas. Todos sabem (e disso têm conhecimento por experiência própria) que a boa voz se impõe. Quem sabe conversar bem, e é dotado de uma boa voz, é favorecido em sua vida de relação” (SANTOS, 1962, p. 73). Percebe-se a existência de um padrão mais ou menos idealizado segundo o qual a oratória tenta traçar seu conjunto de orientações. Nesse diapasão, convém observarmos a materialidade textual das sugestões com relação aos “defeitos”.

Um dos cuidados que se deve ter, inicialmente, na linguagem, é o de não ferir a concordância do gênero e do número. É frequente na linguagem comum empregarem-se frases como esta: “me dá dois café” ou: “a casa foi destruído pelo fogo”. Tais defeitos devem ser evitados. Para tal, convém falar mais lentamente e prestar a máxima atenção às palavras. Quando se conversar com outras pessoas, que cometem desses erros, deve-se mentalmente fazer a correção imediata, para evitar que se grave na memória a forma errada, causa de muitos defeitos de linguagem, em regra geral, adquiridos (ibid., p. 72).

Os manuais de oratória mais recentes parecem utilizar em menor medida a questão da concordância, diferentemente de como o faz Mario Ferreira dos Santos em sua obra. Isso se deve ao fato de que tal problemática parece soar como preconceito linguístico e, sobretudo, por desconsiderar a densidade histórica e social da formação dos menos privilegiados. É comum, assim, um tangenciamento desse inconveniente através de uma estratégia: exercícios de leitura de textos formais nos quais as correções se dão sub-repticiamente (POMBO, 2010, 2016; POLITO; POLITO, 2015). Magalhães (2017, p. 22), ao encontro com o senso disseminado no discurso da oratória, afirma: “É fundamental diferenciar oralidade de oratória. A primeira diz respeito a qualquer ato de comunicação oral; a segunda designa o conjunto de regras do bem dizer, ou seja, a retórica, a arte da eloquência”. E continua: “A oralidade insere-se no uso cotidiano da palavra para cumprirmos nossas necessidades comunicativas. É o lado pragmático da comunicação. A oratória, por sua vez, faz parte do universo estético, sendo, portanto, um ato artístico”.

Todavia, cabe-nos ressaltar que, de uma visada discursiva, ainda é considerado um defeito a prática de concordância simplificada e, por conseguinte, um divisor social de falas. Mesmo que a oratória esteja vinculada a um “ato artístico”, seu caráter persuasivo também é condicionado pelas forças discursivas que desencadeia. Desse modo, a imagem que o orador consegue “fazer” dele próprio quando emprega sua voz é fundamental para convencer seu auditório lhe gerando o efeito de agradável naturalidade. Portanto, a oratória, como uma prática de burilamento dos empregos da voz, traz em seu bojo uma formação discursiva conservadora, ou pelo menos lhe considera para utilizar como uma técnica de “aperfeiçoamento”.

Há, ainda, conforme o discurso da oratória, outros desvios a partir dos quais os oradores

devem se policiar para não cometer: “O acento tônico deve ser cuidado e bem empregado. Ex.: Caráter e caracteres têm o acento na penúltima sílaba. Alguns pronunciam **carácteres**. Imaginem um orador que empregue uma tônica errada. Que efeito desagradável pode causar!” (SANTOS, 1962, p. 72; negrito do autor). Diante disso, desenha-se o efeito que se deve querer evitar nos interlocutores, qual seja, a imagem estereotipada do orador. Outra irregularidade, expressa pelas recomendações do discurso da oratória, da qual se deve esquivar, é o uso de variantes sociolinguísticas.

Um defeito muito encontrado, sobretudo em São Paulo e parte de Minas, é a pronúncia caipira do l e do r. Há palavras, tais como Natal que são pronunciadas como Natar, rosar como rosar, etc. Tal defeito é adquirido, e é facilmente dominável. Basta um pouco de boa vontade e de correção constante da pronúncia (ibid., p. 73).

Ora, instar o orador a suprimir qualquer traço de subjetividade e mesmo os advindos de certos dialetos, visando o que a oratória considera como sendo o “grau zero” da pronúncia, é, entre outras coisas, uma das variações do que Pêcheux (2009), na esteira materialista de Althusser, chamou de assujeitamento. Cabe frisar o fato de que tal grau almejado pela oratória simplesmente não existe. É uma abstração conceitual criada e, quando colocada em “prática”, faz de um dialeto determinado uma espécie de norma e de padrão para todos os demais. O acarretamento dessa prática é um conjunto de problemas histórica e socialmente postos, porém, não examinados formal e rigorosamente até o surgimento da dialetologia e da sociolinguística. E, ainda com a instauração desses dois campos do saber, as dificuldades relacionadas à pretensa supremacia de dialetos não foi superada. Logo, entre as consequências dessa recomendação do discurso da oratória estão o apagamento de traços vocais da subjetividade e da regionalidade, a “entrada” a uma formação discursiva conservadora a partir de seu assujeitamento e, principalmente, a manutenção de preconceitos linguísticos.

Na construção e na conservação dos preconceitos acerca da voz, além da conveniência das clivagens e dos liames funcionam as idealizações, uma vez que de modo análogo ao que acontece com as avaliações e autoavaliações dos usos linguísticos em geral, há a superestimação e a subestimação das supostas correções e dos pretensos defeitos nos usos próprios e alheios da voz e da língua. Há forte tendência de superestimação entre os que julgam dominar a chamada norma culta e de subestimação entre os que julgam não a dominar. Conjugam-se contraditoriamente com esse funcionamento aquele segundo o qual se atribui o sotaque à voz do outro e o “grau zero” da pronúncia à própria voz (PIOVEZANI, 2016, p. 86).

O preconceito linguístico frequentemente escapa aos leitores e ao público da grande mídia, que tenta encontrar um dialeto sem marcas cujas características possam denunciar uma determinada região do país. Grosso modo, os dialetos usualmente empregados pela mídia são o paulistano e o fluminense, ainda que lhes sejam dados um ar de neutralidade regional. Através do “discurso da oratória”, a historicidade constitutiva desses falares é apagada de sua espessura no imaginário coletivo, produzindo, com isso, o efeito de uma pronúncia perfeita sem qualquer valorização negativa socialmente. Portanto, reconhecemos a gravidade dada à voz como um bem simbólico cuja oratória é capaz de transformar quando o objetivo é submeter e assujeitar. Corrigir é, então, necessário para se adequar. Porém, isso ressoa unidades de discurso cujos núcleos são o estereótipo e, sua contrapartida, o preconceito.

A voz fanhosa, a voz arrastada, a voz metálica, a raspante, vozes finas, graves demais, são sempre desagradáveis. Quando não são elas resultado de defeitos constitucionais, são facilmente sanáveis pelo domínio. Tais defeitos são corrigíveis pela boa vontade do leitor e pelo exercício. O fanhoso, por exemplo, deve procurar expirar o ar pela boca sempre que possa,

porque fazendo comumente a expiração pelo nariz, os sons saem anasalados. Se tiver esse cuidado obterá pleno êxito (SANTOS, 1962, p. 73).

O fato de um manual consistente e consolidado pelo tempo trazer o conjunto de declarações acima denota sua filiação conservadora, porquanto nele é possível verificarmos o índice discursivo sobre o qual repousa o mérito (fajuto). Em outros termos, quando se assevera que, a despeito das diversas desordens que a voz pode sofrer, sendo fanhosa, arrastada metálica ou raspante, é possível por meio do trabalho chegar *a bons resultados em nível* oratório, em última instância, trata-se dos efeitos do discurso meritocrático servindo de ancoragem textual-argumentativa sobre a qual o discurso da oratória emerge. A pré-construção do discurso meritocrático está instalada na afirmação “Tais defeitos são corrigíveis pela boa vontade do leitor e pelo exercício”, a partir da qual podemos apontar para aquilo que é, portanto, uma unidade do discurso que será alvo de exame quando das análises dos objetos midiáticos no capítulo seguinte. Somado a isso, encontra-se o discurso da oratória em uma posição bastante favorável a sua disseminação, já que existe em seu interior uma convergência discursiva inclinada ao conservadorismo “meritocrático”.

Com efeito, o itinerário da voz, tracejado pelo “discurso da oratória”, reconhece nas técnicas para falar bem em público as retificações concebidas como imprescindíveis para se esquivar dos possíveis problemas da voz desagradável, aborrecedora e incômoda. “Ninguém pode vencer em sua profissão se tiver uma voz que impeça agradar os outros” (ibid., p. 74). As paráfrases podem elucidar alguns mecanismos de construção discursiva do enunciado, pois “A paráfrase é uma relação de equivalência entre dois enunciados, um deles podendo ser ou não a reformulação do outro. A equivalência se exprime em termos de co-referência, e mesmo de anáfora” (MAINGUENEAU; CHARAUDEAU, 2008, p. 366). Visto isso, podemos observar: *ninguém pode vencer em sua profissão se tiver uma voz que impeça agradar os outros, ninguém pode chegar ao sucesso se tiver uma voz que desagrade, boas vozes tem maior chance de alcançar o sucesso.*

A questão, então, que se levanta, em âmbito discursivo, remonta ao que pretendemos demonstrar ao cabo deste estudo: que se diz da voz, sobretudo na oratória, para, através dela, reproduzir desigualdades e sustentar diversos efeitos de sentido da voz em produções discursivas circulantes na sociedade. Assim, o silenciamento de vozes estigmatizadas no interior do universo midiático é uma constelação simbólica no imaginário coletivo sobre as quais pesa a reprodução dos grandes meios de comunicação a partir de suas produções musicais, em específico, através da voz de cantores e, em geral, de seus atores, apresentadores e demais artistas.

Diante disso em conjunção ao que o discurso da oratória manifestou até então, falar aos outros de maneira a atrair e convencer requer uma série de procedimentos, como os já vistos, entre outros; também demanda do orador um cuidado com o ritmo de elocução das palavras. Para oratória, mais do que imprimir clareza na pronúncia dos termos sentenciais, é fundamental que se aplique uma cadência adequada aos efeitos pretendidos, de maneira a expor mimeticamente as ferramentas apreendidas. “Em todo discurso, há um certo número de palavras que têm maior valor que outras. Essas palavras, palavras-chaves, assinalam a ideia principal ou o sentimento, pontos de referência em torno dos quais giram os outros termos que pretendem traduzir as ideias» (SANTOS, 1962, p. 76).

Segundo o “discurso da oratória”, existem, então, vocábulos que na enunciação oral recebem da voz maior ou menor ênfase, conforme a atenção ou emoção que se deseja provocar no público.

O som agudo, fino, penetrante, o som grave, baixo, o balbuciante, o imprecativo, o forte, o solene, todos eles servem para completar o que as palavras querem dizer. Quem diz uma banalidade ou em lugar comum se empregar um tom grave e solene, torna-se ridículo. Quem dissesse, em tom professoral: “No verão os dias são quentes”, provocaria riso. Dito, porém, em tom normal, não o provocaria. Assim, de acordo com a frase, e sobretudo o tema do discurso, os tons de voz variam, prestando-se às idéias que se desejam expressar por palavras (ibidem.)

A cadência é importante. Ora fazemos a voz erguer, ora cair. Um discurso sempre no mesmo tom é um discurso monótono, portanto cansativo. A cadência pode ser ascendente, direta ou descendente (ibid., p.76-77).

Segundo o assunto, deve cuidar-se da cadência. Quem descreve uma cena rápida, tem de aumentar o ritmo da voz, e a cadência é ascendente. Quem descreve uma cena normal, usa a cadência direta (ibid., p. 77).

Em concordância ao “discurso da oratória”, ritmo, tom e cadência compõem grande parte da estrutura vocal responsável por produzir os principais impactos no auditório. Os múltiplos recursos de que parece dispor à oratória e suas várias combinações criam pelo menos dois efeitos de sentido: de consolidação de seu campo e, conseqüentemente, de eficácia. Oratória, irmã da retórica, nos dias de hoje manifesta sua atualidade no gênero de autoajuda, o mesmo disseminador de uma das faces do discurso do sucesso (SOARES, 2017). Diante disso, julgamos importante o fato de que a voz figura como um lugar sobre o qual agem as forças de segregação social. Ora, por mais democrática que possa se apresentar, a instituição oratória não é alcançada por todos, talvez nem pela maioria, tornando-se, assim, um instrumento de amplificação de poder e de ascensão social.

Considerações preliminares

Os dizeres sobre a voz no campo da oratória representam a voz como um fenômeno corporal, social, político e antropológico a partir dos quais o discurso pode-se ancorar na criação de efeitos de sentido novos ou na retomada de efeitos de sentido conservados no interdiscurso. Queremos dizer que existem regularidades referentes às unidades de discurso que atravessaram diversas áreas tocadas pela oratória. As unidades de discurso, tais como descritas por Foucault (2012), permitiram-nos observar, refletir, e analisar, então, o que podem constituir possíveis continuidades e descontinuidades sobre os dizeres sobre a voz, especialmente na oratória. Portanto, depreendemos os dizeres sobre a voz e suas unidades de discurso provenientes desse campo, com vistas a identificar sua conservação, suas modificações ou suas refutações.

Sabe-se que, nas ciências humanas, o ponto de vista da descontinuidade (limiar entre a natureza e a cultura, irredutibilidade mútua dos equilíbrios ou das soluções encontradas por cada sociedade ou cada indivíduo, ausência de formas intermediárias, inexistência de um continuum dado no espaço ou no tempo) se opõe ao ponto de vista da continuidade. A existência dessa oposição se explica pelo caráter bipolar dos modelos: a análise em estilo de continuidade apóia-se na permanência das funções (que se encontra desde o fundo da vida numa identidade que autoriza e enraíza as adaptações sucessivas), no encadeamento dos conflitos (ainda que assumam formas diversas, seu ruído de fundo não cessa jamais), na trama das significações (que se retomam umas às outras e constituem como que a superfície de um discurso); a análise das descontinuidades, ao contrário, procura antes fazer surgir a coerência interna dos sistemas significantes, a especificidade dos conjuntos de regras e o caráter de decisão que elas assumem em relação ao que deve ser regulado, a emergência da norma acima das oscilações funcionais (FOUCAULT, 1999, p. 495-496).

Cabe-nos, então, a sistematização do que encontramos na oratória. Constante no discurso da oratória, o efeito de importância para o que se diz da voz é criado pela exposição do conjunto de mecanismos recomendativos de correção, de aprimoramento e de esmero vocal, como práticas de burilamento dos empregos da voz, trazendo, em seu interdiscurso, uma formação discursiva conservadora como ancoragem argumentativa para o “aperfeiçoamento”. Diante disso, dentre as unidades de discurso mais candentes percebidas se encontram o abuso travestido de “persuasão

psicoafetiva”, o estereótipo e, sua contrapartida, o preconceito em uma posição favorável de difusão, já que existe em no interior do campo da oratória uma convergência, como vimos, ao discursivo conservador “meritocrático”. Esse é um dos principais responsáveis pelo apagamento de traços vocais, de subjetividade e de regionalidade, visando a “entrada” do sujeito em uma formação discursiva conservadora, a partir de seu assujeitamento e, principalmente, da manutenção de preconceitos linguísticos enraizados historicamente na sociedade brasileira.

Referências

AMOSSY, Ruth. **A argumentação no discurso**. Trad. Eduardo Lopes Piris e Moisés Olímpio-Ferreira [et al.]. São Paulo: Contexto, 2018.

ANGENOT, Marc. **O discurso social e as retóricas da incompreensão**: consensos e conflitos na arte de (não) persuadir. Carlos Piovezani (org.) São Carlos, SP: EdUFSCar, 2015.

BLOCH, Pedro. **Falar bem**: problemas de comunicação oral. São Paulo: Editora Nacional, 1986.
CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de Análise do Discurso**. 2º ed. Trad. Fabiana Komesu et. al. São Paulo: Contexto, 2008.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. Trad. Salma Tannus Muchail. 8ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, Michel. As unidades do discurso. In: **A Arqueologia do Saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 8ª edição, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

MAGALHÃES, Roberto. **A arte da oratória**: técnicas para falar bem em público. Bauru, SP: Idea Editora, 2017.

SANTOS, Mário Ferreira dos. **Práticas de oratória**. 3ª ed. São Paulo: Livraria e editora logos, 1961.

SANTOS, Mário Ferreira dos. **Curso de oratória e retórica**. 9ª ed. São Paulo: Livraria e editora logos, 1962.

QUINTILIANO, Marco Fábio. **Instituição oratória (Tomo I)**. Trad. Bruno Fregni Bassetto. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2015.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni Puccinelli Orlandi et. al. 4ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso. In: GADET, Françoise; HAK, Tony. (orgs.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Trad. Bethania S. Mariani [et. al.] 4ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.

PÉCORA, Alcir. **Problemas de redação**. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

PERELMAN, Chaim; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da argumentação**: a nova retórica. Trad. Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

PIOVEZANI, Carlos. Falar em público na política contemporânea: a eloquência *pop* e popular brasileira na idade da mídia. In: COURTINE, Jean-Jacques.; PIOVEZANI, Carlos. **História da fala pública**: uma arqueologia dos poderes do discurso. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

PIOVEZANI, Carlos. Instantâneos de duradouros estigmas: consensos sobre as vozes popular e feminina (da retórica à mídia contemporânea). In: **(In)Subordinações contemporâneas**: consensos e resistências nos discursos. CURCINO, Luzmara; SARGENTINI, Vanice; PIOVEZANI, Carlos. (Orgs.).

São Carlos, SP: EdUFSCar, 2016.

POLITO, Rachel Eid; POLITO, Reinaldo. **29 minutos para falar bem em público**. Rio de Janeiro: Sextante, 2015.

POMBO, Ruthe Rocha. **Adeus ao medo de falar em público**. São Paulo: Ideias & Letras, 2016.

POMBO, Ruthe Rocha. **Arte de se expressar bem em público**. 2ª ed. Petrópolis, Rj: Vozes, 2010.

SOARES, Thiago Barbosa. **Discursos do sucesso**: a produção de sujeitos e sentidos do sucesso no Brasil contemporâneo. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2017.

SOARES, Thiago Barbosa. **Vozes do sucesso**: uma análise dos discursos sobre os vícios e virtudes da voz na mídia brasileira contemporânea. Tese de Doutorado (Doutorado em Linguística). São Carlos, SP: Universidade Federal de São Carlos, 2018.

SOARES, Regina Maria Freire; PICCOLOTTO, Léslie. **Técnicas de impostação e comunicação oral**. 2ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 1986.

TIBURI, Márcia. **Filosofia em comum**: para ler-junto. 7ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2016.

Recebido em 14 de novembro de 2018.

Aceito em 4 de junho de 2019.